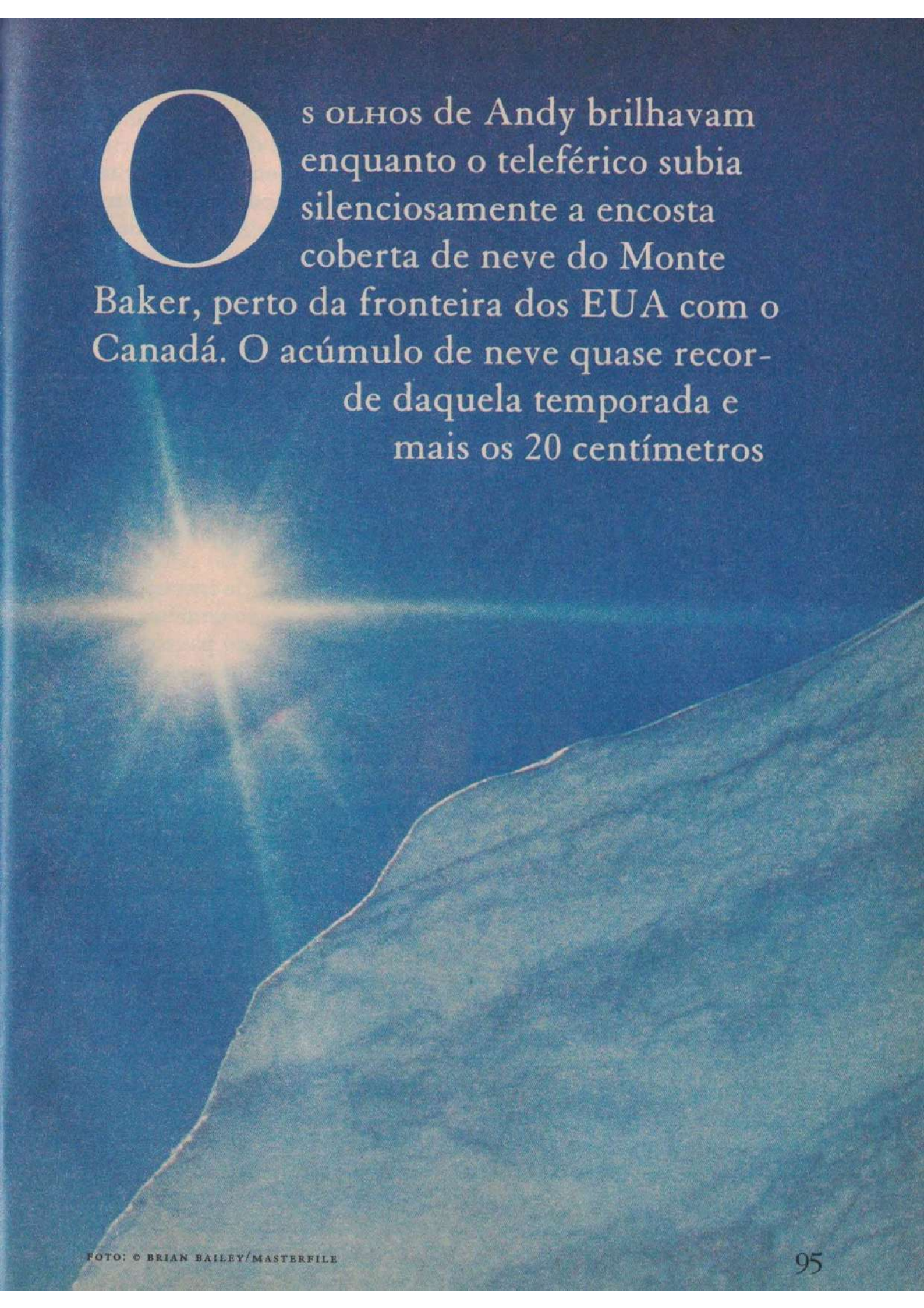


A photograph of a snowboarder in a red suit and helmet jumping over a snow-covered cliff edge. The snowboarder is in mid-air, with snow spraying behind them. The background is a clear blue sky. The cliff edge is on the left side of the frame, and the snowboarder is on the right side, jumping over the edge.

DRAMA DA VIDA REAL

Resgate no precipício

Por Lynne Schuyler



Os olhos de Andy brilhavam enquanto o teleférico subia silenciosamente a encosta coberta de neve do Monte Baker, perto da fronteira dos EUA com o Canadá. O acúmulo de neve quase recorde daquela temporada e mais os 20 centímetros

que caíram naquela manhã haviam transformado o Monte Baker no sonho dos adeptos do *snowboard* (esporte radical praticado com uma prancha que desliza sobre a neve).

VAMOS LÁ! – gritou, entusiasmado, o jovem de 18 anos para o pai, Grant Turnbull, e o irmão, Carl, de 15 anos.

O Monte Baker ficava a duas horas da casa dos Turnbills, na província canadense da Colúmbia Britânica. Os três haviam passado a maior parte da segunda-feira depois da Páscoa, 31 de março de 1997, sob o céu nublado, deslizando velozmente pelas múltiplas pistas da estação de esqui.

Por volta das 15 horas eles alcançaram o topo. Andy pulou rápido da cadeira do teleférico. Esperava poder deslizar morro abaixo mais algumas vezes antes que a estação de esqui fechasse, às 15h30.

Examinando a encosta brilhante à direita, caminhou até as cordas cobertas de neve que marcam os limites da área onde a prática de esqui é permitida.

– Você vem? – perguntou a Carl já do outro lado das cordas.

Desde que conhecessem os riscos, os esquiadores podiam aventurar-se além das cordas. A estação de esqui colocara placas perto do teleférico advertindo sobre o extremo perigo de avalanches além das cordas. Mas os Turnbills não as viram.

– Pode ir se quiser, Andy; mas só até onde os outros estavam – disse Grant, referindo-se aos esquiadores que eles avistaram do alto do teleférico.

Carl sentiu-se inquieto:

– Acho que não devia ir.

ANDY DISPAROU pela encosta, atravessando uma porção de pistas, e desapareceu da vista do pai e do irmão. Bem mais abaixo, avisos sobre a existência de um penhasco espalhavam-se pelo local. Aproximando-se da borda, o jovem olhou para baixo: a íngreme encosta mergulhava a perder de vista. *Melhor dar o fora daqui!*, pensou. Então, dirigiu-se às trilhas paralelas à beira do penhasco, esperando que o levassem de volta às pistas de esqui. Lentamente, abriu caminho montanha abaixo, sem saber que estava seguindo para Gordy's Gulch, um dos mais traiçoeiros precipícios da estação de esqui.

A garganta inclinada e pouco profunda mergulhava numa estreita cachoeira vertical que despenca do rochedo. Muitos esquiadores saíram dali feridos e uma pessoa morrera no local.

A prancha de Andy começou a

deslizar, ganhando velocidade rapidamente, sem que ele conseguisse controlá-la. De repente, estava no ar, despencando de uma altura de 15 metros. A cabeça bateu diversas vezes no gelo e na rocha, enquanto ele caía de pé num buraco fundo na base do precipício. Em seguida, afundou mais seis metros antes de descer por uma fenda estreita que a cachoeira abria na neve.

Semiconsciente, Andy gemeu e tentou virar-se, mas estava tão apertado quanto uma rolha de garrafa, com os braços acima da cabeça e os joelhos dobrados contra o corpo. Contorceu as mãos para tirá-las das luvas e cravou-as no gelo, tentando desesperadamente alcançar a prancha e desatá-la, mas em vão. Estava muito imprensado.

A água gelada descia pela face do rochedo, respingava no ar e encharcava a cabeça de Andy, escorrendo pelo pescoço e sobre a pele que ficara desprotegida quando o pesado casaco de lona se embolou atrás dele. Andy ergueu os olhos para um raio de luz que se infiltrava pela abertura. Invaso por um terror gélido e absoluto, começou a gritar:

– Carl! Carl!

Mas os gritos se perdiam em meio ao barulho da água corrente.

NOTÍCIAS SOBRE esquiadores perdidos eram ocorrência rotineira para Martha Bengen, encarregada da patrulha nesse dia. Na maioria, eram desgarrados que apareciam logo após a última

descida do dia. Martha interrogou cuidadosamente os Turnbolls, que haviam esperado ansiosos 40 minutos por Andy. Às 16h20 ela transmitiu por rádio a descrição do jovem para todos os patrulheiros da montanha.

Grant Turnbull olhava com tristeza pela janela da sala de primeiros socorros. *Se não o encontrarem antes de anoitecer, será tarde demais*, pensou, observando o sol começar lentamente a desaparecer. Atrás dele, Martha operava rádios e telefones celulares, enviando com presteza rastreadores para as diversas zonas da montanha. Um arrepio percorreu Grant quando Martha alertou toda a equipe para que ficasse a postos.

VINTE E SETE ANOS esquiando naquela montanha tinham levado Randy Hook a um conhecimento detalhado de todos os seus penhascos e desfiladeiros. Conhecido entre os colegas de trabalho pelo temperamento alegre e determinado, Hook não conseguia livrar-se de um pensamento perturbador. Uma cachoeira incrustada de gelo lançava-se de Gordy's Gulch, penetrando na neve da base do precipício. A busca nesse local talvez fosse inútil, mas o tempo – eram quase 17 horas – e a luz do dia estavam se esgotando.

Hook escalava com dificuldade a encosta íngreme e acidentada na direção da base da cachoeira. O suor escorria-lhe pelo rosto enquanto afundava na neve até a cintura e lutava para manter os esquis na superfície.

Trinta minutos depois, respirando pesadamente, parou perto do precipício para examinar montes de neve de dois palmos que jaziam sobre a superfície intocada. Poderiam ter caído de uma árvore, mas o instinto o impeliu a chegar mais perto.

Ficou espantado ao encontrar um buraco de um metro de largura e seis metros de profundidade, sob a cachoeira.

– Andy? – gritou para dentro do buraco.

– Estou aqui embaixo! – berrou Andy.

Debruçando-se sobre a beira, Hook só conseguiu ver a mão branca e o alto da cabeça de Andy.

– Não se preocupe, vamos tirar você daí! – respondeu Hook, pedindo então ajuda pelo rádio.

ESTIMULADA pela notícia, a equipe de resgate, espalhada pela montanha, correu para o local. Nesse momento, Bill Boyd ajoelhou-se à beira do buraco com a frustração estampada no rosto. *Esse garoto não vai conseguir*, pensou. Bombeiro e paramédico veterano, treinado em resgates em lugares confinados, Boyd nunca tinha deparado com situação tão desesperadora. Andy estava imprensado na parte mais estreita da fenda. Uma operação com corda parecia ser a única esperança de tirá-lo dali, mas levaria horas.

Admirado por Andy ainda estar consciente, Boyd se perguntava quanto tempo mais ele poderia agüentar.

Boyd e o o patrulheiro Kurt Miller fizeram um laço numa corda de montanhismo e jogaram-na para Andy, instruindo-o a colocá-la em torno dos ombros. Mas os dedos entorpecidos do rapaz não conseguiram agarrá-la. Então eles armaram um esquema para içá-lo. Miller cavou uma vala com um metro de profundidade e nela enterrou seus esquis. Uma corda resistente, amarrada a essa “âncora”, subia pela encosta e sobre a borda do buraco. Boyd fez um laço em outra corda e rapidamente desceu Hook para dentro da fenda. Os grampos das botas de Hook cravaram-se numa saliência de gelo a cerca de meio metro acima da cabeça de Andy. Impossibilitado de chegar mais perto, Hook ajoelhou-se de costas para o precipício e a cachoeira.

O jovem tremia violentamente e cuspiu sangue.

– Estou com muito frio! – disse, tiritando.

Tiras de pele pendiam-lhe das mãos e o sangue escorria pelos lados da cabeça.

Hook inclinou-se para limpar a neve do rosto de Andy. Depois amarrou faixas de náilon em torno dos pulsos do jovem e as prendeu à corda. Em seguida deu o sinal para puxar.

A corda retesou-se e os pulsos de Andy subiram no ar. O jovem soltou um terrível grito de dor.

– Parem! Ele não está se movendo! – advertiu Hook.

Boyd e Miller acrescentaram roldanas para erguê-lo com mais facilit-

dade, mas, cada vez que puxavam, Andy gritava de dor e seu corpo mal se movia.

– Ele ainda está com o *snowboard* – alguém avisou.

Então perceberam que a prancha impedia a saída de Andy.

– Vamos ter de escavar rápido para tirá-lo!

Toneladas de neve teriam de ser removidas à mão para libertar Andy – uma tarefa hercúlea. Já eram 19 horas e aquela operação poderia se estender até a meia-noite. Mas cavar era a única opção.

A essa altura, 27 pessoas tinham chegado ao local. Cheias de energia, elas se lançaram à fatigante tarefa. Formou-se uma corrente humana. Perto da face do rochedo, duas pessoas arrancavam com pás grandes blocos de gelo e neve, enquanto alguém se espichava entre as pernas dos dois para arrastar os blocos e passá-los a outras mãos. Além do espaço confinado, alguns se postavam ombro a ombro, cortando e cavando a neve endurecida até os braços doerem. Quando os cabos das pás se partiam, atiravam-nas para o lado e gritavam pedindo outras. Se alguém diminuía o ritmo ou caía de exaustão, outro tomava o lugar imediatamente. A temperatura baixou para -5°C e a neve começou a cair, mas ninguém percebeu.

– AINDA ESTÁ me ouvindo? – gritou Hook para Andy.

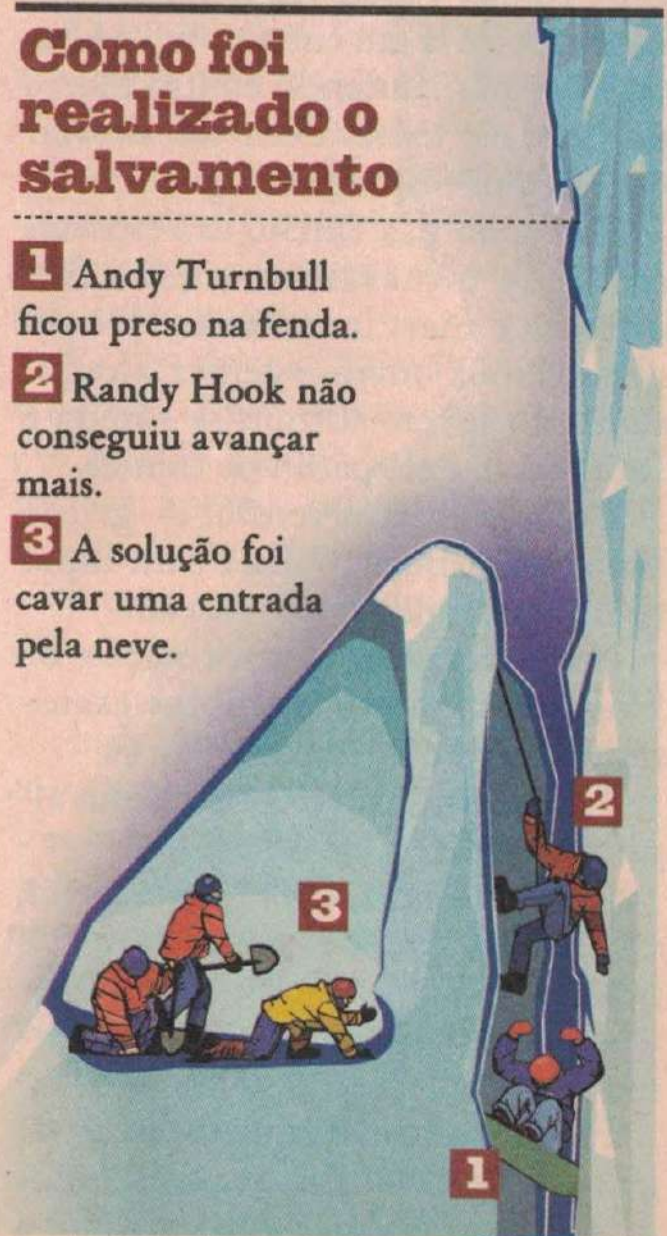
– Estou – grunhiu Andy. – Ainda estou aqui.

Falava devagar e com dificuldade. *Como é terrível ver alguém morrer*, pensava Hook, procurando palavras que pudessem manter Andy consciente.

No barracão de primeiros socorros, Grant Turnbull, angustiado, olhava fixamente pela janela para a encosta escura. Tanto ele quanto Carl estavam atentos a cada palavra enquanto as chamadas de rádio iam e vinham. Ele sabia que a esperança de salvar Andy diminuía rapidamente.

Como foi realizado o salvamento

- 1 Andy Turnbull ficou preso na fenda.
- 2 Randy Hook não conseguiu avançar mais.
- 3 A solução foi cavar uma entrada pela neve.



Como num projeto de engenharia planejado com precisão, a equipe de resgate escavava a encosta, abrindo aos poucos um buraco fundo semelhante a uma fatia de torta.

Três metros abaixo, eles perfuraram a parede da caverna e avistaram a cabeça de Hook.

– Vocês têm de cavar mais uns dois metros – disse-lhes Hook, e o aviso espalhou-se rapidamente.

– Mais dois metros! Vamos! Vamos! Vamos!

Com frio e cãibras, na saliência de gelo, Randy Hook viu holofotes balançando-se lá em cima e ouviu a batida das pás. Lutando contra blocos de gelo, ele tentava em vão desviar de Andy os respingos d'água.

Por volta das 20h30, as respostas de Andy tornavam-se menos frequentes e mais incoerentes. De repente, Hook ouviu-o gemer; a respiração do jovem tornou-se rápida e superficial, e ele parou de tremer.

– Ele está morrendo! – gritou Hook para Boyd. – Está com hipotermia profunda e sem reação!

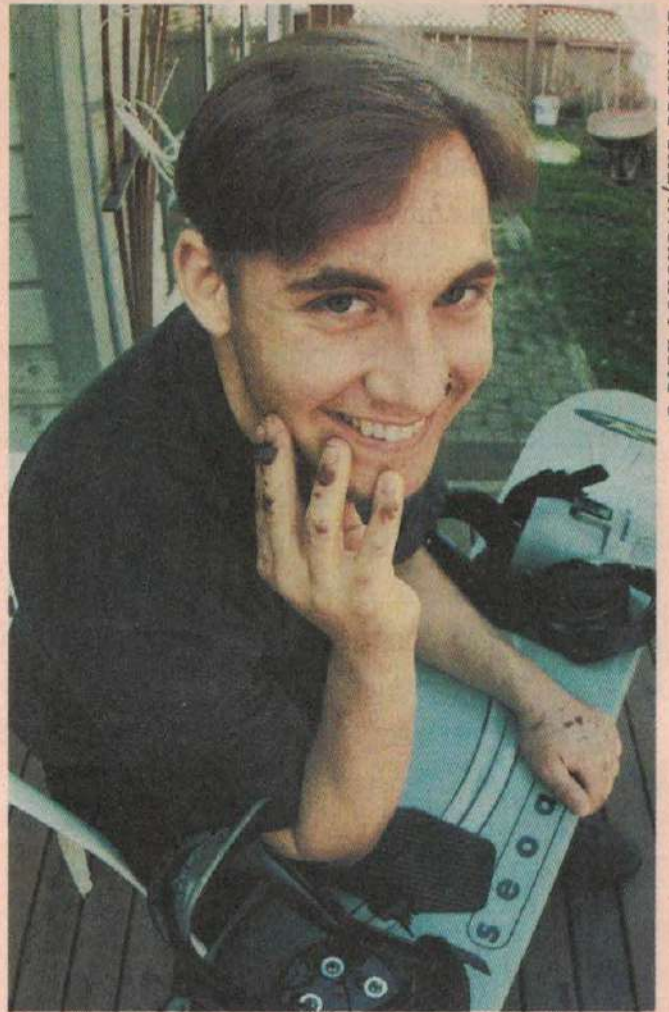
Na superfície, a informação de Hook eletrizou os membros exaustos do resgate.

– Vamos, Andy! – animou alguém.

Outra voz fez eco, e mais outra, até que um coro de vozes estava gritando:

– Vamos pegar você! Agüente firme aí!

Hook viu um pequeno bloco de gelo romper-se. Em seguida, mais gelo se despreendeu e a luz invadiu a



© RICK LOUGHRAN/THE PROVINCE

Andy– ‘Ultrapassar os limites não é um risco que valha a pena.’

fenda. Ele viu os joelhos de alguém e depois um *enxame* de pessoas cavando em ritmo frenético.

O corpo enorme de Jim Millson de súbito tapou a abertura. Millson, integrante do Conselho de Resgate da Montanha Bellingham, gritou:

– Alguém me dê uma pá!

Engatinhando na entrada em forma de túnel, ele cortou o gelo, aproximando-se pouco a pouco do peito de Andy.

– Aprontem o trenó! – gritou Millson.

Trocando de lugar com Millson, Boyd cortou o gelo e bateu em algo duro – o joelho de Andy.

Então Millson cavou a neve e o gelo com as próprias mãos, depois pegou uma faca e cortou os suportes que prendiam a prancha aos pés de Andy. Em seguida, abraçou-o com força, mas o corpo do jovem ainda estava firmemente preso pela prancha de *snowboard*.

Boyd e outros agarraram-se às cordas que amarravam Millson e puxaram todos juntos. Os tornozelos de Andy contorceram-se e o jovem gemeu em agonia, porém Millson finalmente conseguiu libertá-lo. Eram 21h10.

Lá fora, todos comemoraram. Alguns rapazes passaram delicadamente Andy de mão em mão e o deitaram no trenó. Seus braços estavam congelados acima da cabeça; cheio de manchas e azulado, o jovem mal respirava.

O grupo agarrou as laterais do trenó, abriu caminho na pista de esqui com neve até a cintura e, com esforço, desceu o mais rápido possível.

– Agüente firme, Andy! – gritavam os homens.

Enquanto isso, na cachoeira, Randy Hook emergiu do buraco e olhou em volta, perplexo.

Jovens exaustos espalhavam-se pela neve, esgotados. Cabos de pá quebrados amontoavam-se pelo chão. Quase dez toneladas de neve erguiam-se num monte – testemunha silenciosa do esforço heróico para salvar Andy.

O CORAÇÃO de Andy parou cinco vezes durante o percurso de uma hora na ambulância até o Hospital St. Joseph. *Vamos, Andy, lute!*, pensava Bill Boyd enquanto um desfibrilador era fixado ao peito do jovem para trazê-lo de volta à vida.

Ao chegar ao hospital, a temperatura de Andy era de 27,11° C, quase 10° abaixo da temperatura normal do corpo. A equipe médica o cobriu com um cobertor de ar térmico e depois injetou solução salina nos braços e ar quente nos pulmões.

Exausto, Bill Boyd refugiou-se em uma sala vazia do hospital e chorou. Em sua casa, Jim Millson rezou por Andy. Nenhum membro da equipe de resgate pôde dormir aquela noite, à espera de notícias do estado do garoto.

Às seis da manhã, enfim, chegou a notícia: Andy estava fora de perigo. Apesar da queda de 21 metros, sofrera apenas cortes, contusões e queimaduras causadas pelo frio, e voltou para casa depois de quatro dias no hospital.

Andy gastou 1.500 dólares de suas economias para pagar o custo do resgate. Um mês depois, ele e a família retornaram ao Monte Baker para um emocionado reencontro com seus salvadores. “Decididamente, ultrapassar os limites não é um risco que valha a pena correr”, comentou Andy.

Letreiro visto do lado de fora de um restaurante: “Não diga que não gosta de peixe até provar os nossos.”

—C.B.K. MENO, Canadá